

EDUCAÇÃO FRAGMENTADA: UMA NECESSIDADE DO CAPITALISMO.

Antonio Marcelo Pereira Sousa

Graduando do curso de Pedagogia da FECLESC-UECE

Maria Aline da Silva

Graduanda do curso de Pedagogia da FECLESC-UECE

Resumo: Propomos um estudo sobre as relações existentes entre o início e o desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil com as variações da educação, como também sua expansão, para chegarmos à educação que temos hoje, levando-se em conta a faceta da educação voltada para o trabalho, caracterizando-se por ser uma educação fragmentada, fazendo ainda, um paralelo entre as instituições da educação pública e privada no Brasil. Objetivamos explicitar de forma sucinta a atual situação educacional do Brasil e ainda, analisar como o atual sistema capitalista contribuiu para a transformação da educação nos moldes em que a temos hoje. Para tanto nos basearemos nos escritos de autores com grande relevância nessa área de pesquisa, dentre os quais podemos citar: Otaíza de Oliveira Romanelli (2002). Derivaldo Santos (2010), Gaudêncio Frigotto (2010), Maria Ciavatto Franco (2010) e Marise Ramos (2010). Por fim explicitaremos em nossas conclusões que o sistema capitalista realmente necessita dessa educação fragmentada, que atenda apenas a seus interesses em particular.

Palavras-chaves: capitalismo industrial, transformações educacionais, educação profissional.

INTRODUÇÃO

O presente artigo situa-se no campo das ciências humanas e pretende fazer uma análise preliminar a respeito de educação voltada para o sistema econômico vigente, o capitalismo, abordando ainda os pontos positivos da expansão do ensino, que promoveu a queda dos índices de analfabetismo e provocou o aumento de oportunidades de educação. Todavia faremos menções das conseqüências negativas dessa expansão.

Objetivamos explicitar a atual situação educacional do Brasil e de que forma a estrutura do atual sistema contribui para a transformação da educação, levando-se em

conta que tais transformações podem vir acompanhadas de inúmeras contraposições, tal como a diferenciação da educação nas diferentes camadas sociais.

Para efeito de análise, nos basearemos em estudos realizados por Otaíza de Oliveira Romanelli (2009), entre outros estudiosos que tem grande importância e influência em se tratando de trabalho, capitalismo e educação. Realizando por via desses, um estudo reflexivo de forma sucinta, no intuito de explicitar a realidade da educação no Brasil atualmente.

A EDUCAÇÃO NO SISTEMA CAPITALISTA

Iremos, inicialmente nos remeter ao passado, mais precisamente ao começo do século XX, década de 30, quando a economia brasileira se encontrava muito abalada, em decorrência da falta dos investimentos estrangeiros, obrigando o Brasil a abandonar a exportação de suas produções e conseqüentemente significou a queda do poder latifundiário.

Surge, em meio dessa crise, uma manifestação das classes mais baixas em busca de uma solução. Procuravam por uma mudança política que superasse essa crise e foi o capitalismo industrial a solução encontrada, se instalando com a proposta de aproveitar os recursos nacionais e fortalecer a economia brasileira, deixando de necessitar das importações e passando a produzir os produtos aqui mesmo.

Esse novo sistema (capitalista) se interliga a política educacional, pois necessita de pessoas instruídas, que possam gerar a força de trabalho e conseqüentemente gerar o capital, a riqueza. No entanto, essa instrução acontecerá de forma a abranger apenas aquilo que é mais propício ao capitalismo, tendo em vista, que a qualificação do trabalhador não pode ultrapassar os interesses dos possuidores dos bens de produção, isso seria muito arriscado. É por isso que nesse novo sistema, a educação brasileira tomará um novo curso. E se antes,

Durante o sistema oligárquico, as necessidades de instrução e uma organização educacional não se faziam necessários pela população, diante das condições e exigências do trabalho, nem pelos centralizadores do poder, ficou evidente que, com o capitalismo industrial e a nova realidade proveniente deste, a instrução tornou-se principal meio de ascensão social e colocação no mercado de trabalho, especialmente com o crescimento do setor terciário. (GIAMOGESCHI, 2010: 2)

No Brasil, o crescimento do capitalismo industrial significou novas exigências educacionais. Essas novas exigências visavam à preparação de mão de obra para exercer o trabalho nas industriais, uma vez que, para que sua ascensão acontecesse seria necessário que houvesse pessoas qualificadas a produzir os bens necessários para gerar o lucro (capital).

Apesar de o crescimento industrial ter acontecido de forma razoavelmente rápida, constatamos que isso não aconteceu com plenitude em todo o Brasil, o que é visível ainda hoje. Da mesma forma, podemos dizer que a expansão educacional não aconteceu de forma a abranger todo o território nacional, esta apenas se desenvolveu nos centros onde ocorreu o progresso industrial com maior força. Podemos dizer que esta, então, seria a causa das enormes desigualdades e defasagens entre as regiões brasileiras, o que se perpetuou até os dias de hoje, mesmo com o intuito da “educação para todos” que temos. A esse respeito Romanelli diz que,

O que se verificou, a partir daí, foi o fato de a expansão do sistema escolar, inevitável ter-se processado de forma atropelada, improvisada, agindo o Estado mais com vistas ao atendimento das pressões do momento do que propriamente com vistas a uma política nacional de educação. É por isso que cresceu a distribuição de oportunidades educacionais, mas esse crescimento não se fez de forma satisfatória, nem em relação à quantidade, nem em relação à qualidade. (2002: 61)

Entretanto e apesar disso o que podemos constatar é que nas décadas seguintes, após a de 30, o índice de analfabetismo (aparentemente) caiu. Isso se deve ao processo de urbanização que se instaurou e permanece, o aumento da renda e o crescimento demográfico que incentivaram a demanda da educação. Atualmente, apesar de todo o crescimento industrial a educação ainda enfrenta vários problemas como, por exemplo, um índice elevado de evasão escolar, reflexo de que a economia, a cultura, a violência e outros fatores influenciam diretamente no processo educacional. Diante disso,

constatamos que um crescimento industrial não necessariamente possibilita um crescimento na qualidade do ensino.

ESCOLA PÚBLICA *VERSUS* ESCOLA PRIVADA

Atualmente, a educação sofre de inúmeras deficiências que se perduram desde as séries iniciais até o ensino superior e apesar do crescimento educacional conseguido na década de 30, influenciada pelo capitalismo industrial, *a expansão ocorrida não foi capaz de estruturar uma política sólida que perdurasse pelas gerações futuras.* (GIAMOGESCHI, 2010: 6)

Foram travadas várias lutas ideológicas desde há muito tempo, em torno de uma organização do sistema educacional brasileira, a primeira, foi se não, as polêmicas em volta do projeto de Lei das Diretrizes e Bases (1948). Este acontecimento foi, sim, um retorno de um conflito entre igreja e ideológicos. Os primeiros tinham, além do interesse financeiro, o interesse de ordem doutrinária, podemos dizer ideológico. Os ideológicos lutavam em defesa da escola pública, dos deveres do estado, que além de manter a educação pública, deveria assegurá-la a todos. Essa,

... lei que foi tão discutida e que poderia ter modificado substancialmente o sistema educacional brasileiro, iria, no entanto, fazer prevalecer a velha situação, agora agravada pela urgência da solução de problemas complexos de educação criados e aprofundados com a distância que se fazia sentir, havia muito, entre o sistema escolar e as necessidades do desenvolvimento. (ROMANELLI, 2002: 179)

Em contraposição à escola pública havia uma luta em defesa da escola privada em nome de uma “liberdade de ensino”, onde está exigia do estado uma igualdade no que se refere aos direitos educacionais. No intuito de assegurar tais direitos, se fundamentavam nos direitos da família, onde cabia a esta escolher que instituição educação educaria seus filhos, não entendiam essas pessoas que era direito do estado assegurar a educação de seus filhos, mais que tudo era direito de todos, terem uma

educação de qualidade, todavia, o Estado brasileiro jamais exerceu o monopólio educacional, e nunca o pôde, por falta de recursos.

A realidade de hoje, mostra que a iniciativa privada, que conseguiu se firmar pela ineficiência do Estado em assegurar um direito da população brasileira, é um dos ramos econômicos mais propícios, sendo que, a mesma tem direitos que também são assegurados pelo Estado. Sua expansão se acentua cada vez mais, uma vez que, o Estado passou a oferecer bolsas de estudos como, por exemplo, o ProUni e ReUni, a alunos “pobres”, para que os mesmos possam ingressar em universidades particulares. Seria mais justo e produtivo, segundo Romanelli (2009), que, *ao invés de o governo distribuir essas bolsas, fossem elas convertidas num fundo de assistência ou mesmo em bolsas de manutenção (alimentação, transporte, material escolar, por exemplo), para alunos pobres das escolas públicas.*

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A NOVA FASE DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.

Não podemos negar que, atualmente existe, uma dualidade educacional, tendo em vista, é claro, que nossa sociedade é fragmentada em classes e possui realidades distintas, uma vez que, os que têm o poder aquisitivo, são preparados para perpetuar a realidade que mostra que somente quem possui o capital é quem pode comandar. Aos trabalhadores, resta somente a educação profissional ou uma *educação em doses homeopáticas*¹. Pois, apesar de todo o avanço científico conseguido nos últimos tempos e ainda que diversas empresas e ramos produtivos operem com processos complexos e sofisticados, ainda não aboliram o modelo de produção que tínhamos antes, necessitando dessa qualificação genérica que possibilite apreender as variações da ciência e da tecnologia (SANTOS, 2009: 6).

Podemos dizer que essa realidade educacional se instaurou mediante o advento do capitalismo, que visando formar mão de obra qualificada para manusear suas novas máquinas, teria que oferecer uma educação voltada para isso, ou seja, uma educação profissionalizante, ficando visível assim, a *qualificação genérica* referida anteriormente.

¹ Famosa frase de Adam Smith, citado in SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias, p. 160.

Hoje a educação profissional está se expandindo cada vez mais e o próprio governo está viabilizando essa expansão com a criação de várias instituições para formar o trabalhador, sendo que isto acaba contribuindo para que a universidade pública perca o seu caráter formativo, uma vez que a educação profissional tem como objetivo formar o indivíduo unicamente para o mercado de trabalho, assegurando uma “certa empregabilidade” para este. Entretanto, é preciso salientar que a formação oferecida é de caráter insuficiente. Porém, o capitalismo necessita dessa realidade social e dessa educação dualista, para que possa se assegurar e perpetua-se.

NOVAS VIAS EDUCATIVAS

A educação no Brasil passou por várias transições e hoje se encontra em face, digamos, de novas alternativas em busca da propagação desta, para toda a população brasileira, sendo que isto é, ainda, algo um tanto quanto remoto. Essa busca se faz bastante visível, por exemplo, ao vermos instituições de ensino privado investindo cada vez mais na educação à distância (internet, televisão), sendo esta uma forma de viabilizar uma formação mais apressada. Este ramo da educação vem se alastrando por todo o Brasil e segundo alguns sociólogos este é, pois não, o mais propício ramo da educação privada. Entretanto, merece uma reflexão, no sentido de que esta não viabiliza uma formação de qualidade, além de ser não-presencial, o que acaba prejudicando na socialização do indivíduo.

No ano de 2004, o MEC anunciou a reativação de projetos em busca da formação profissional, alguns desses integrados ao ensino médio. Nesse mesmo período, se vê divulgado a política da parceira público-privado do governo federal, com o intuito de uma política voltada para a educação profissional. A partir desses fatos, surgem os programas denominados Escola de Fábrica e PROJOVEM, o primeiro é definido como um programa de inclusão social, voltado para beneficiar estudantes excluídos do mercado de trabalho, e que pretende estimular empresas privadas a praticarem a responsabilidade social; o segundo tem como finalidade proporcionar formação ao jovem, por meio de uma associação entre a elevação da escolaridade, tendo em vista que os alunos concluem o ensino fundamental, com qualificação através de

certificação de formação inicial e o desenvolvimento de ações comunitárias de interesse público. Ambos os programas,

Com diferenças na sua finalidade, resgatam um preceito que pretendíamos ter superado, [...] tomar a qualificação profissional como política compensatória à ausência do direito de uma educação básica sólida e de qualidade. Esta deve ser garantida em qualquer idade, integrada a possibilidade de habilitação profissional mediante a qual se constituam identidades necessárias ao enfrentamento das relações de trabalho excludentes. (FRIGOTTO, FRANCO E RAMOS, 2010).

Todo esse caminho de contradição é, sim, uma decorrência do capitalismo que necessita das desigualdades sociais, necessita da qualificação fragmentada oferecida pelas instituições públicas, e mais ainda, precisa da mão de obra capaz de adequar-se às funções específicas, na qual as indústrias precisam e que somente a educação profissional pode oferecer. Acrescentamos ainda, segundo Jimenez e Toledo que,

Ao longo da história da luta de classes o capital, vem valendo-se de velhos recursos para amenizar suas falhas estruturais, sofisticando o discurso e fazendo surradas retóricas aparecerem como novidade. Contudo, lógica a lógica que preside tal processo permanece intacta: reproduzir o capital a custo da miséria material e espiritual dos trabalhadores. (2010: 191)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante de alguns avanços, ocorridos principalmente na economia, no decorrer dos últimos tempos o Brasil ainda enfrenta uma realidade contrastante, que pode ser constatada com o nível, ainda precário e desigual, da educação, onde poucos conseguem uma formação de qualidade, na qual possibilite uma vida de condições dignas. Para a grande maioria, ainda é oferecida uma formação fragmentada, o que favorece a ascensão capitalista. Promovendo assim, cada vez mais a luta de classes, que se perdura historicamente.

Portanto, podemos dizer que a educação se desenvolveu ao longo da história, e tal desenvolvimento é proveniente das transformações ocorridas no seio da sociedade.

Essas transformações, no geral é que ditarão qual educação deverá ser oferecida, atendendo, pois, as necessidades do sistema. No capitalismo, por exemplo, o principal objetivo da educação é formar o indivíduo para o mercado de trabalho, visto que a idéia da generalização da escola foi feita de forma preconizada, sendo permitido repassar somente o básico. Isto é bastante óbvio, uma vez que ele (capitalismo) necessita dessa educação mínima para assim atender somente as suas necessidades. O capitalismo jamais oferecerá uma educação de qualidade, sendo que é por meio dessa que se formarão cidadãos críticos e transformadores da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GIAMOGESHI, Carina Lopes. **O capitalismo e a expansão do ensino no Brasil**. Disponível em: www.unifia.edubr?projeto%20revista/artigos/educacao/capitalismo.pdf. Acesso em 01 de março de 2010.

JIMENEZ, Susana. RABELO, Jackline. SEGUNDO, Maria das Dores Mendes - Organização. **Marxismo, Educação e Luta de Classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-político**. Fortaleza: EdUECE, 2010.

JIMENEZ, Susana. PORFÍRIO, Cristiane. TOLEDO, Edilene. **A educação no Brasil da Primeira República como preparatório da moldura educacional do novo milênio**. In **Marxismo, Educação e Luta de Classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-político**. Organização: Susana Jimenez, Jackline Rabelo, Maria da Dores Mendes Segundo - Fortaleza: EdUECE, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio, FRANCO, Maria Ciavatto e RAMOS, Marise. **A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controvertido**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a17.pdf. Acesso em 18 de março de 2010.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **Historia da educação no Brasil: 1930/1973**. 27ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Derivaldo. **A assunção definitiva do capitalismo e legalização da dualidade educativa: formação humanista para a burguesia e educação profissional para o trabalhador**. Quixadá: UFC, 2009 (Mímio)

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. IN. FERRETTI, Celso et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.